

# Uma análise léxico-discursiva em charges sobre a pandemia do coronavírus

*A lexical-discourse analysis in cartoons about the coronavirus pandemic*

Submetido em: 18/07/2023

Aceito em: 09/11/2023

Andréia Muniz Lisboa<sup>1</sup>  
Karylleila dos Santos Andrade<sup>2</sup>  
Thiago Barbosa Soares<sup>3</sup>

**Resumo:** As escolhas lexicais são marcadas no e pelo funcionamento discursivo, de modo a manter relações intrínsecas com as condições sócio-históricas e ideológicas no momento da enunciação. Os saberes discursivos que se materializam no léxico estão alhures e retomam no dizer a partir das Formações Discursivas dentro de uma condição de produção específica. Assim sendo, há uma relação produtiva entre a estabilidade do léxico (o eixo fixo dicionarizado) e o emprego na língua pelos falantes (o discurso). Partindo desse pressuposto, este texto visa apresentar as contribuições da Análise do Discurso no processo de construção de sentido do léxico e analisar os efeitos de sentido dos enunciados 'proteção', 'máscara' e 'isolamento social' no contexto pandêmico brasileiro. Para tal, analisou-se três charges disseminadas na pandemia da Covid-19, no Brasil, a partir da perspectiva de Sapir (1969), Coseriu (1989), Vilela (1994), Biderman (2001), Antunes (1937) (na área do léxico); Pêcheux (2011), (2014a, 2014b), Orlandi (2015) (na área do discurso). Os resultados encontrados mostraram os efeitos de sentido de impedimento, criminalidade e congelamento de verbas sendo deslizados nos enunciados contidos no corpus.

**Palavras-Chave:** Léxico; Análise do Discurso; pandemia; Covid-19; construção de sentido.

**Abstract:** The lexical choices are marked in and by the discursive operation, which maintains intrinsic relations with the socio-historical and ideological conditions at the time of enunciation. The discursive knowledge materialized in the lexicon is elsewhere and it is retaken in the saying from the discursive formations within a specific condition of production. Thus, there is a productive relationship between the stability of the lexicon (the fixed dictionary axis) and the use of the language by speakers (the discourse). Based on this assumption, this paper aims to present the contributions of Discourse Analysis in the process of construction of meaning of the lexicon and analyze the effects of meaning of the statements of protection, masking and social isolation in the pandemic context. To do so, it was analyzed three cartoons disseminated in the Covid-19 pandemic in Brazil, from the perspective of Sapir (1969), Coseriu (1989), Vilela (1994), Biderman (2001), Antunes (1937) (in the lexicon area); Pêcheux (2011), (2014a, 2014b), Orlandi (2015) (in the field of discourse). As results, it was found that the effects of meaning of impediment, criminality and freezing of funds being slid.

**Keywords:** Lexicon; Discourse Analysis; pandemic; Covid-19; construction of meaning.

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1559499447475577>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4237-3273>. E-mail: [andreia.lisboa@mail.uft.edu.br](mailto:andreia.lisboa@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8224727509470953>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-6920-9206>. E-mail: [karylleila@mail.uft.edu.br](mailto:karylleila@mail.uft.edu.br).

<sup>3</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

## Introdução

A representação fiel do dicionário nos dá uma língua (imaginária) homogênea, perfeita, completa, sem falhas, de todos nós. Do mesmo modo, o dicionário parece não ter ideologia, sendo “neutro”, ou melhor, tendo a neutralidade (universalidade) da língua. Como não tem marcas ideológicas, sua ideologia é justamente não se marcar ideologicamente. Só um trabalho discursivo pode nos situar ideologicamente em relação aos efeitos do dicionário, observando-se, em sua constituição, o que chamamos as formas materiais, indícios dos processos discursivos, linguístico-históricos (Orlandi, 2002, p. 108).

A pandemia da Covid-19 se tornou um grande desafio do século XXI, desenhando um cenário de crise sanitária com impactos econômicos, sociais, políticos, culturais e históricos no mundo. De acordo com Miragem (2020), Lima, (2020), Diehl (2021) e Souza (2020), o primeiro caso de infecção foi detectado em dezembro de 2019, em Wuhan (província chinesa) e, a partir disso, a Covid-19 se alastrou rapidamente pelo mundo. No Brasil, em decorrência da falta de políticas públicas de saúde, a população foi amplamente exposta, em especial os grupos mais vulneráveis em maior risco de contágio, transmissão e alta taxa de letalidade. O retardamento de ações necessárias de contenção à doença – como o isolamento, a quarentena, a velocidade de testagem rápida –, além da providência vagarosa (por parte das instituições) de medicamentos, leitos hospitalares e vacinas, atrelaram-se à desinformação e negacionismo, e agravaram, ainda mais, o quadro pandêmico brasileiro. Além de provocar milhares de mortes, a pandemia de Covid-19, permitiu escancaramento da desigualdade social no país, que já era uma realidade, e se acentuou com a crise político-sanitária (Diehl, 2021).

Na história das pandemias, a Covid-19 foi a patologia controlada em menos tempo. Segundo Rezende (2009), a maior e mais trágica pandemia registrada na história que provocou mortes sem precedente foi a Peste Negra, uma doença causada pela bactéria encontrada em ratos, *Yersina pestis*, que se estendeu entre 1347 a 1353, causando mortes de milhões de pessoas na Europa. Conforme Neufeld (2020), a peste bubônica, como também é conhecida, assolou os continentes asiático e europeu até o começo do século XIX, matando entre 75 e 200 milhões de pessoas. Também é possível citar, no contexto de pandemias duradouras, a Gripe Espanhola (1918), provocada pelo vírus

influenza A (subtipo H1N1) que, segundo Ferraz (2020), Fernandes e Soares (2021), foi uma das enfermidades infecciosas considerada como maior flagelo histórico e sanitário, afetando um terço da população mundial, na época. Conforme os autores, sua origem se deu nos Estados Unidos, atravessando, posteriormente, o Atlântico por meios das embarcações náuticas e, com isso, espalhou-se pelo mundo, mas, por ser divulgada primeiramente na Espanha, ficou conhecida como a Gripe Espanhola.

A Covid-19, antes que pudesse ser controlada, causou milhares de mortes no mundo. Contudo, em comparação com as doenças supramencionadas, foi celeremente contornada. Uma das possíveis razões para isso reside nos avanços da ciência e da tecnologia, proporcionados pelos laboratórios e instituições de pesquisa em todo o mundo. Os cientistas pesquisadores lançaram mão de diversas plataformas de pesquisas para sequenciar a cepa SARS-Cov-2 (da Covid-19), monitorar o contágio e desenvolver imunização segura e eficaz em curto espaço de tempo. As pesquisas também possibilitaram o desenvolvimento de várias vacinas para conter o avanço do vírus e amenizar seu potencial de fatalidade. Mesmo com todas as prerrogativas proporcionadas pelo desempenho científico, o discurso negacionista se configurou como uma alta no período, desmerecendo as pesquisas e colocando-as como caluniosas, como forma de dissuadir a crença populacional nesse tipo de trabalho na população e, ao mesmo tempo, isentar o governo de suas responsabilidades (incluindo, financiamentos e com relação às verbas destinada aos pesquisadores).

Por conseguinte, a pandemia não é, tão somente, uma realidade sanitária, como também política e, portanto, discursiva. O acontecimento histórico da pandemia da Covid-19 constitui cenas discursivas que movem um cenário de disputa de sentidos, produzindo distintos gestos de interpretação. Isso ocorre porque os sentidos que se materializam no discurso estão além da transparência da linguagem, são marcados pelo aspecto sócio-histórico e ideológico (Orlandi, 2015). Por esse prisma, a pandemia de Covid-19 pode ser tomada como discurso e vista como um acontecimento discursivo (Foucault, 2015), uma vez que coloca em circulação discursos em funcionamento na sociedade, produzem saberes e práticas discursivas dos sujeitos contemporâneos, além de retomar momentos anteriores, como a Peste Negra e a Gripe espanhola.

Considerando o exposto, este trabalho visa analisar três objetos discursivos sobre a temática; três charges compartilhadas em vias midiáticas, durante o período pandêmico. O objetivo é verificar o processo de construção e efeitos de sentido das escolhas lexicais ‘proteção’, ‘máscara’ e ‘isolamento social’ depreendidos do *corpus* e que marcaram o contexto pandêmico no Brasil.

Para tanto, buscaram-se contribuições da Análise do Discurso (AD) e do Léxico. Os pressupostos teórico-metodológico do campo de saber da AD oferecem importantes reflexões no que diz respeito ao processo de construção de sentido do léxico, mais especificamente, dos enunciados aqui selecionados para investigação. Assim, na sequência, apresenta-se o que se constitui como os pressupostos teóricos e metodológicos para este estudo, a saber, a Análise do Discurso, estabelecendo conexões com o estudo do Léxico. Após, na seção destinada para a análise, os conceitos de condições de produção, Formação Imaginária, Formação Discursiva e Memória Discursiva serão aplicados aos objetos. Por fim, serão tecidas algumas considerações finais.

### **Interface do estudo do léxico: contribuições da Análise do Discurso**

Conforme Malidier (2011), na metade da década de 60, a ciência linguística prometia novos rumos para os estudos da linguagem. A dicotomia *langue* e *parole*, postulada por Ferdinand Saussure e seus colaboradores, é questionada por diferentes campos nas ciências humanas. Sapir (1969) observa algumas lacunas da teoria saussuriana que carecem de ser analisadas. O autor ressalta sobre a relação da língua com o ambiente. Para ele, as forças sociais, tanto do ambiente quanto das forças físicas, são participantes e atuantes no processo de significação, de modo que uma complementa a outra. Sapir (1969) pontua ainda que o léxico da língua é o lugar em que se reflete “o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarca atenção da comunidade” (Sapir, 1969, p. 45). Outro autor que, também, faz releituras da teoria de saussuriana é Coseriu (1989), que

formula a tríade: sistema (código linguístico-sistema de possibilidades), norma (normas de uso-coletivo-padrões de uso) e fala (atividade linguística concreta, realização-individual) (Coseriu, 1989).

Para Coseriu (1989), a língua não pode ser separada da fala pelo seu caráter social, “mas antes pelo fato que na *langue* se conserva só no que é comum e constante nos atos de *parole*, ou seja, pelo fato de que, no constituir-se o conceito *langue*, consideram-se os mesmos atos num plano superior de formalização ou abstração” (Coseriu, 1989, p. 7-8). Seguindo os apontamentos do autor, na língua há “um sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados às necessidades expressivas ou ao arbítrio e ao capricho do falante, pertencente a uma determinada comunidade” (Coseriu, 1989, p. 26). Nesse sistema, a norma se faz importante, pois ela esclarece o funcionamento da linguagem e, por meio dela, são possíveis às atividades linguísticas como; a criação e repetição, os movimentos obrigatório e livre (Coseriu, 1989). Todavia, ela pode tanto eliminar “tudo o que nos atos linguísticos considerados é puramente subjetivo e originalidade expressiva absoluta”, como também permite que se abstraia “uma norma geral e única para uma comunidade mais ou menos vasta” (Coseriu, 1989, p. 25). Já a fala, segundo ele, é atividade linguística concreta que se realiza entre a criação e repetição, podendo ter variações que, por sua vez, apresentam-se conforme as normas de um grupo a partir do sistema.

Essa tríade postulada por Coseriu (1989) permite entender os processos em que ocorrem as criações de novas palavras, as normas das comunidades e grupos. Desse modo, há uma determinação do sistema que possibilita a criação de novas palavras incorporadas no nível social. Todas essas possibilidades e criatividade linguística estão elididas nessa tríade. Avançando um pouco mais, passamos para as discussões a respeito do léxico que, em linhas gerais, pode ser entendido como o resultado desse processo estrutural, no qual se materializa a comunicação entre os falantes. O processo de nomeação é a primeira parte da geração do léxico das línguas, que se iniciou a partir do adão mítico. O relato da criação do mundo, segundo o livro bíblico, incumbiu ao

homem tarefa de nomear toda a criação (Biderman, 2001). Para a autora, o léxico é a herança vocabular de um determinado grupo linguístico ao longo da história. Ele é o único que possui um sistema aberto que “no seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical” (Biderman, 2001, p. 14). Já para Vilela (1994), o léxico é um subsistema responsável por “configurar linguisticamente o que há de novo e, por isso, é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações políticas, econômicas, sociais, culturais ou científicas” (Vilela, 1994, p. 14). Dito de outro modo, o léxico é um conjunto de signos linguísticos que são variáveis de grupos e de sentido, a partir das forças sociais e do ambiente. Antunes (2012) chama atenção para a importância do léxico no funcionamento da linguagem e como ele está sendo silenciado, resumindo-o, tão somente, no processo de formação de palavras. Conforme a autora, o significado da criação de novas palavras e sua veiculação com as demandas culturais de cada grupo estão sendo deixados de lado, principalmente, nas escolas.

Retomando a discussão de significação do léxico, verificam-se as inserções que podem ser feitas a partir das contribuições da Análise do Discurso para a compreensão de que existe uma comutação entre os sentidos circulantes no discurso e as significações de itens lexicais. Pêcheux (2011), ao revisitar as diferentes áreas da linguística, observa que essas áreas se atêm a fazer um estudo científico da linguagem, deixando de lado os “efeitos de sentido” do processo discursivo. Para o autor, a linguística por si não dá devida atenção à questão de sentido em seu campo de estudo e mostra que o estudo da linguagem é compreendido como conjunto de língua, fala e escrita, a grosso modo, no nível da fonologia, estuda os sons; na morfologia, as formas; no nível sintático, a maneira de combinações de palavras, as regras de uma determinada língua para a construção de frases; e a semântica vai buscar em outros lugares como “na sociologia, na psicologia, na história, na literatura, etc., que lhe fornecem dados segmentados, contudo, de modo absolutamente diverso dos dados linguísticos concretos de uma dada língua nacional” (Pêcheux, 2011, p. 67), saindo da linguística.

Desse modo, não se trata apenas da natureza das palavras e sua verificabilidade no interior do sistema linguístico, mas o uso social do léxico “sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam, à medida que essas construções determinam a significação que as palavras terão” (Pêcheux, 2011, p. 73). Essas áreas, segundo o autor, se focam nas estruturas gramaticais, considerando o léxico de forma isolada. Entretanto, o processo de significação é construído a partir das condições de produção, o que faz a mesma palavra derivar e ter sentido distintos. Segundo Pêcheux (2011), o processo de significação é determinado por condições sócio-históricas de produção e regidas por leis as quais definem o que deve ser dito em determinado lugar “somos, assim, conduzidos a pensar que, numa dada época e por um dado ‘meio social’, a ‘fala’, sob suas formas políticas, literárias, acadêmicas etc., se organizam necessariamente em ‘sistemas’ regidos por leis” (Pêcheux, 2011, p. 70). Por isso, a análise linguística até então realizada, tão somente aos aspectos inerentes à estrutura gramatical, torna-se insuficiente.

Haja vista que, como argumenta Orlandi (2015), os sentidos são afetados pela língua a partir de uma dada condição de produção que “implica o que é material (a língua sujeito ao equívoco e a historicidade), o que é institucional (formação social e sua ordem) e o mecanismo imaginário” (Orlandi, 2015, p. 38). Assim sendo, as escolhas lexicais dos sujeitos falantes ocorrem por meio de um processo de transformação no campo de significação para o campo do significado. Nesse entremeio, há os valores e posições ideológicas e um complexo dominante de formações discursivas que atravessam o dizer, por isso, “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (Pêcheux, 2011, p. 73). É por meio dessas manifestações discursivas que os falantes da língua (atravessados pelos posicionamentos ideológicos) atuam nas estruturas lexicais, atribuindo efeitos de sentido (Pêcheux, 2011). A análise lexical, portanto, contribui, em perspectiva discursiva, para compreender os deslizamentos de sentido para além das estruturas linguísticas que estão inseridas no léxico, pois, como postula Orlandi (2015), não existe linguagem sem indivíduo tanto quanto não há indivíduo sem a linguagem.

Para o procedimento analítico faremos uso das noções da Análise do Discurso, a saber, condições de produção, Formação Imaginária, Formação Discursiva e Memória Discursiva. Em linhas gerais, as condições de produção são “uma estrutura definida dos processos de produção do discurso a partir da língua” (Pêcheux, 2014a, p. 78). Já a Formação Imaginária está presente nos processos discursivos por meio de um jogo de imagens que os sujeitos do discurso atribuem a si e ao outro (Pêcheux, 2014a). As duas noções supracitadas estão entrelaçadas a Formação discursiva, que pode ser definida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014b, p. 147). Todo esse processo envolve já ditos, ou seja, “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma do pré-construído” (Orlandi, 2015, p. 29).

É importante enfatizar que tais noções, embora apresentadas separadas, são concebidas simultaneamente na prática discursiva, pois o processo do discurso não é linear. Como postula Orlandi (2015), na Análise do Discurso compreende-se “a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2015, p. 13), isto é, não se trata apenas de uma transmissão de informações de A para B, há um processo complexo que relaciona os sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, sob condições de produção específicas e, portanto, numa formação social que dispõe de certas regras (formações discursivas) ao qual os sujeitos são ideologicamente marcados a serem sujeitos do discurso. Assim, a ideologia é “a condição para constituição do sujeito e do sentido” (Orlandi, 2015, p. 44). As noções aqui explicitadas auxiliam no tratamento de sentido do léxico, conforme enfatizado pela epígrafe desse trabalho, os significados dispostos nos dicionários sobre as palavras são objetos discursivos. O processo de significação está atrelado às condições sócio-históricas e ideológicas em que os falantes estão inseridos, o que (em boa medida) coaduna com o que afirma Sapir (1969), sobre a relação da língua com o ambiente em que os sentidos são produzidos.

Desse modo, a representação posta nos dicionários (Formações Imaginárias), regidas por condições de produção específicas, está atrelada as Formações Discursivas. Como os dizeres são paráfrases, isto é, retomadas de discursos anteriores, as escolhas lexicais estão arraigadas de Memórias Discursivas, saberes retomados na atualidade por meio das palavras. O efeito da evidência ideológica apaga todo esse processo, mas essas marcas discursivas estão presentes e materializadas no trabalho lexicológico. É exatamente por isso que a análise discursiva contribui com os estudos do sentido do léxico. Tais questões serão, a seguir, tratadas, por meio da análise do *corpus*.

#### **Efeito de sentido dos enunciados de proteção, máscara e isolamento social**

Este tópico destina-se à análise discursivo-lexical de três charges produzidas durante e sobre o período pandêmico no Brasil. Conforme Trigueiro (2019), a charge é um gênero jornalístico que está associado a um determinado tempo e espaço e pode conter aspectos de humor e ironia. Esses elementos contribuem para reportar uma crítica sobre os aspectos sociais inerentes à sua produção. Nas charges aqui analisadas pretende-se verificar os deslizamentos de sentido dos enunciados 'proteção', 'máscara' e 'isolamento social', delas depreendidas e muito populares na pandemia de Covid-19. No primeiro objeto, o enunciado destacado é 'proteger', conforme se verifica abaixo (Figura 1):

Figura 1 – Charge sobre a pandemia de Covid-19



Fonte: Grupo Editores Blog (2020)

Na charge, vemos três personagens: uma criança, uma mãe ou responsável pela criança e uma senhora usando uma faixa com o termo 'democracia'. A responsável pela criança e a criança estão utilizando máscaras, e a senhora, não, caracterizando o período pandêmico. O garotinho afirma que é preciso 'proteger' também a senhora – a 'democracia'. Em sua estrutura gramatical, 'proteger' é um verbo regular em português que está conjugado no infinitivo. No dicionário Aulete (Lexicon, 2022b), temos os seguintes verbetes:

Figura 2 – Verbetes atualizados do lexema proteção

**Aulete**  
DIGITAL

Verbetes Atualizado

Verbetes Original

## proteger

(pro.te.ger)

AAAA

v.

1. Livrar(-se) ou afastar(-se) do mal, do perigo; DEFENDER(-SE) [td. : *Protegeu o amigo.*] [tdr. + de : *proteger a galáxia dos invasores; proteger -se da gripe.* Antôn.: desproteger. ]
2. Servir de barreira; usar meios de defesa contra; ABRIGAR(-SE) [td. : *A muro protegia a casa.*] [tdr. + contra, de : *A cerca protegia a horta dos porcos.* Antôn.: expor. ]
3. Cobrir(-se) com algo ou abrigar(-se) ou esconder(-se) em algum lugar para ficar a salvo

**Aulete**  
DIGITAL

Verbetes Atualizado

Verbetes Original

## proteger

4. Dar tratamento melhor; FAVORECER; PRIVILEGIAR [td. : *A gerência protegia alguns funcionários.*]
5. Promover o crescimento ou a manutenção de (algo); AMPARAR; FOMENTAR [td. : *O governo deve proteger a agricultura familiar.*]
6. Impedir a destruição ou a extinção; PRESERVAR [td. : *É preciso proteger a nossa fauna.*]
7. Ocultar a culpa de (alguém). [td. : *Testemunhas familiares geralmente protegem o réu.*] [F.: Do lat. *protegere.*]

Fonte: Lexicon, 2022b.

O dicionário Aulete digital (Lexicon, 2022b) dispõe de sete acepções para a entrada *proteger*, tanto no sentido de proteção do mal (aqui sendo considerado a partir da posição que o falante vai ocupar), como de proteção de interesses. O bem e o mal, portanto, têm valores diferentes se considerados no uso da língua pelo falante e, mais que isso, a partir das posições ideológicas. Utilizando o exemplo da sexta acepção “é preciso proteger a nossa fauna”, temos um sujeito indeterminado que, no primeiro momento, podemos entender se tratar de um ambientalista que deseja proteger a natureza. Essa compreensão se dá porque somos atravessados pela Formação

Discursiva de proteção ambiental, mobilizando a Memória<sup>4</sup> Discursiva das lutas históricas sobre proteção ao meio ambiente. Além disso, podemos depreender também que pode se tratar de um empresário do ramo do agronegócio e/ou um político, fazendo um discurso de sustentabilidade, cujo objetivo é mostrar para o seu interlocutor que tal empreendimento não irá agredir a fauna, protegendo, desse modo, seus interesses.

Esses deslizamentos de sentidos só são possíveis de serem observados se considerarmos a língua no uso social – as escolhas lexicais estão ancoradas na forma como os falantes se posicionam na sociedade. Esses aspectos podem ser observados na charge. Nela, o enunciado ‘proteger’ produz efeito de sentido de impedir a destruição da democracia, haja vista as condições de produção da materialidade, a pandemia e as políticas neoliberais do governo anterior. Na imagem, o cuidado não é com a senhora e, sim, com o que ela está representando, a democracia. O enunciado *proteger* atualiza a Memória Discursiva da ditadura militar, regime ditatorial iniciado com o golpe militar em 1964, no Brasil, governo que tinha como principal característica o autoritarismo e o poder centrado em grupos específicos – militares e grandes empresários. De acordo com Pêcheux (2014), o sujeito do discurso enuncia sempre a partir de uma Formação Discursiva, em uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes. Desse modo, a escolha lexical do enunciado que estamos analisando se inscreve na Formação Discursiva de política de esquerda.

O deslizamento de sentido de o enunciado ‘proteger’ retoma dois acontecimentos históricos políticos ocorridos no Brasil: o golpe de 2016, contra a presidenta Dilma Rousseff, e o processo da Operação Lava Jato, em que brasileiros vestidos de verde e amarelo tomam as ruas em todo o Brasil em protesto contra a corrupção e pela saída da presidenta Dilma Rousseff do governo (Da Redação, 2016). A partir e durante esse acontecimento, é construído um conjunto de enunciados que remetem à ditadura militar. Essas movimentações discursivas, a Memória Discursiva do regime ditatorial e o patriotismo uma rede discursiva sobre o processo ditatorial, ressignificando seu sentido.

---

<sup>4</sup> De acordo com Courtine, o conceito de memória pensada na teoria do discurso não diz respeito a memória cognitiva, mas refere-se nas palavras do autor “a existência histórica do enunciado” (COURTINE, 2009).

Há um jogo de forças funcionando discursivamente no enunciado, operando o discurso negacionista sobre a pandemia. O acontecimento passa a ser trabalhado na atualidade e faz o retorno sobre a Memória Discursiva do regime ditatorial militar, ao provocar um reordenamento dos dizeres, produz outros sítios de significância. Nesse sentido, há o apagamento da memória da ditadura militar, como também a descredibilização das instituições de ensino e pesquisa, colocando em xeque a eficácia das vacinas e retomam no enunciado proteção: é preciso proteger a democracia que custou vidas para ser instituída, assim como é preciso proteger a sociedade do negacionismo que paira sobre a eficácia das vacinas. Dessarte, a escolha lexical mobiliza um posicionamento político que defende o regime democrático em que os cidadãos tenham direitos às vacinas e à livre escolha de governantes, bem como a valorização das instituições de pesquisas do país. Percebemos, então, que no processo de significação “o dizer não é propriedade particular. As palavras não são nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas palavras” (Orlandi, 2015, p. 30).

Na segunda charge, selecionou-se para análise, o enunciado, ‘máscara’ enquanto instrumento de ocultar, disfarçar.

**Figura 3** – Charge sobre a pandemia da Covid-19

**SAÍDA TEMPORÁRIA DA PÁSCOA**



**Fonte:** Calabau (2021).

O dicionário Aulete digital (Lexicon, 2022a) dispõe de 16 acepções para a entrada ‘máscara’, sendo dois deles os que mais se aproximam à charge em análise. São eles:

Figura 4 – Verbetes atualizado lexema ‘máscara’



The image shows a screenshot of the Aulete Digital dictionary interface. At the top left is the logo 'Aulete DIGITAL'. Below it is a search bar. There are two tabs: 'Verbetes Atualizado' (selected) and 'Verbetes Original'. The word 'máscara' is displayed in a large font. To the right of the word is a rating 'A A A A'. Below the word, there are two numbered definitions:

1. Objeto de diferentes formatos que cobre o rosto, us. como disfarce, enfeite etc.: *Pegou sua máscara de gorila e foi para o carnaval*
2. Etnol. Imitação disforme de rostos representando as forças da natureza e os espíritos benéficos ou maléficos, us. como instrumento sagrado pelos índios brasileiros

Fonte: Lexicon, 2022a

O verbete que melhor se enquadra ao substantivo “máscara” é o que traz o sentido de esconder algo. Segundo Pêcheux (2014a), as representações sociais ocorrem por meio da imagem que o sujeito faz de si e do outro: “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (Pêcheux, 2014a, p. 82). Essas imagens são historicamente construídas e cristalizadas de modo que quando olhamos, mesmo se não tivesse um enunciado, saberíamos que se tratava de um policial e de um bandido. Há, no entanto, outra questão importante: o vermelho da blusa do bandido não é uma cor aleatória. Como argumenta Orlandi (2015) “a cor vermelha está ligada historicamente a posições revolucionárias e transformadores” (Orlandi, 2015, p. 27). Dentro do contexto que vivenciamos, reporta para a ‘esquerda golpista’, mobilizando às adjetivações de bandidagem, ‘esquerdopatas’

– imagem, também, construída ao longo do tempo a partir de algumas figuras da esquerda como a de Luís Inácio Lula da Silva, acusado de corrupção.

Esse lugar de bandido é, assim, associado ao público que partilha dos ideais de esquerda. Conforme Pêcheux (2011; 2014), o sentido de uma palavra, expressão, proposição ou enunciado não lhes são próprios, eles se constituem em uma dada Formação Discursiva, nas relações que mantêm com outras Formações Discursivas, de modo que podem mudar de sentido conforme as posições sustentadas por aqueles que as empregam. O enunciado está atravessado pela Formação Discursiva político-partidária e dentro dela há uma movimentação do discurso moralista que está atravessado pelo discurso de ódio à esquerda, mobilizando os já ditos do caso Triplex do Guarujá<sup>5</sup>. O enunciado ‘máscara’ retoma os já ditos desse processo jurídico. O confronto circulação a respeito da prisão de Lula marca historicamente a ascensão da direita ao poder. Assim, a escolha lexical, nessa charge, direciona para esse lugar construído de que os eleitores e políticos de esquerda são bandidos. Certa feita, o sentido de ‘máscara’, no enunciado, desliza para o efeito de sentido de criminalidade, um instrumento utilizado para ocultar traços do criminoso e dificultar seu reconhecimento e os criminosos são todos aqueles que levantam as bandeiras dos ideais de esquerda.

Cabe recuperar aqui os apontamentos de Fernandes e Soares (2020), em relação às discussões sobre porte de armas no Brasil. Segundo os autores, há algumas distinções entre os dois governos sobre essa questão. Na gestão de Bolsonaro, a flexibilização de armas foi decretada, pois para o ex-presidente do Brasil “a segurança do país estará garantida se o cidadão de bem possuir a posse e o porte de armas” (Fernandes; Soares, 2020, p. 51). Já para o presidente Lula, a segurança é dever do Estado e não é responsabilidade das pessoas comuns. Essa discussão é importante, pois ela nos leva a velha dicotomia cidadão do bem e cidadão do mal que está discursivizada no enunciado pelos trajes dos personagens. Isto é, há uma ordem, uma classe, uma ala política que pode fazer uso da flexibilização de armas, enquanto a outra

---

<sup>5</sup> O caso Triplex do Guarujá refere-se à ação que foi movida contra o presidente Lula sob suposta prática de lavagem de dinheiro e corrupção ativa e passiva. A ação foi comandada pelo juiz Sérgio Moro, da 13ª Vara Federal de Curitiba, na época (Chagas, 2018).

é autointitulada de criminosa. Pois, “na apropriação social desse discurso, há regras silenciosas e variáveis, apresentando historicamente o Brasil que configura essa dicotomia do cidadão de bem e o cidadão do mal - bandido, o inimigo” (Fernandes; SOARES, 2020, p. 52). Vejamos, a seguir, os efeitos de sentido que estão atravessados no enunciado ‘isolamento social’, na charge abaixo (Figura 5).

Figura 5 – Charge sobre a pandemia da covid-19



Fonte: Jbosco (2020)

O enunciado ‘isolamento social’, na charge acima, é uma composição por justaposição. Esse termo se tornou usual devido à pandemia de Covid-19; é uma das medidas preventivas solicitadas pelos especialistas da área da saúde para diminuir a disseminação do vírus e achar a curva de contágio. Algumas definições para esse enunciado poderiam ser: manter-se longe, proteja a si e ao outro, isolar o vírus. Na charge acima, há quatro personagens que estão representando as pautas de educação, emprego, economia e cultura, respectivamente. O primeiro personagem é a educação; o segundo, o emprego, trajando a blusa com as cores da bandeira do Brasil e, em comparação com as vestimentas dos demais, mostra-se inferior, representando a pobreza brasileira. Já o terceiro personagem é a economia; e, o quarto, a cultura. A escolha lexical na charge está ancorada nas condições de produção dos efeitos das políticas neoliberais e seu agravamento no período da pandemia.

O enunciado 'isolamento social' está inscrito na Formação de Discursiva política de esquerda, retomando as críticas sobre as questões políticas ocorridas no Brasil. Sendo essas mais intensificadas no governo atual, uma vez que institui como modelo econômico o neoliberalismo. O chefe do poder executivo federal apresenta uma face neoliberal que incidiu, como já argumentado, na desenvoltura do golpe de 2016, e essa movimentação é importante para a transição da 'velha política' para a construção da narrativa de um país sem corrupção, que, na prática, na arquitetura institucional da chamada 'nova política', as antigas práticas são reformuladas discursivamente. O que se tem apurado, até então, é um método de governança ultraliberal que predomina a flexibilização de emendas parlamentares para benefício do capital por meio de reformas administrativas, reformas trabalhistas que não foram democratizadas, privatização de empresas estatais e congelamento de verbas para a saúde e centros de pesquisas, educação e cultura (Araújo; Carvalho, 2021).

No processo de desestruturação do capital, o modelo Taylorismo é implementado e influenciado pelas invenções científicas tecnológicas e informacional. Ele produz, dentre outras coisas, o desemprego estrutural, tendo como resultado a flexibilização do trabalho (Ribeiro, 2015). Emergem, sob a ótica neoliberal, enunciações como 'Trabalhe por conta própria', 'Seja seu próprio chefe', 'Trabalhe no conforto de sua casa', 'Trabalhe quando quiser', que são discursivizadas e incorporadas na sociedade, como solução para a crise de empregabilidade. No entanto, os efeitos da pandemia evidenciam inconsistências desse processo e o resultado é um aprofundamento da crise sociopolítica. O 'isolamento social', enquanto medida de prevenção à Covid-19, na charge, desliza para o efeito de sentido de congelamento de verbas para os setores importantes do país. Esse sentido está inscrito na Formação Discursiva da política neoliberal, sob condições de produção da crise sanitária global e o modo capitalista de produção que, para acumulação de capital, retira as verbas que seriam destinadas à saúde, educação e cultura.

A escolha lexical aponta para a crítica do governo da época em 2020, que tem feito cortes orçamentários na educação, economia, cultura e emprego. A Formação

Discursiva mobilizada no enunciado faz trabalhar a memória sobre os impactos da política neoliberal. Esses movimentos mostram os efeitos de sentido de retirada de direitos e precarização das instâncias políticas que movimentam a economia do país. Assim, entende-se que, ao fazer as escolhas lexicais, “os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que são de alguma forma presentes no mundo” (Orlandi, 2015, p. 28).

### **Considerações finais**

Nesse artigo, foram apresentadas algumas reflexões do estudo da linguagem e as contribuições da Análise do Discurso na construção de sentido do léxico. Com base nas discussões propostas, vimos que o funcionamento da linguagem se dá a partir da tríade apresentada por Coseriu (1989): o sistema, a fala e a língua. O sistema, nível máximo de abstração entendido como sistemas de signos, no qual funciona o código linguístico; a norma, padrões de uso na qual ocorre a realização coletiva da língua, que são variáveis segundo as comunidades; e, por último, a fala, que é a realização individual e concreta do sistema de signos de uma língua. Segundo o autor, os dois primeiros não se aplicam ao falar, são distinguidos pelos falantes através dos atos linguísticos individuais. A partir dos pressupostos teóricos de Vilela (1994), Biderman (2001) e Antunes (1937), discutiu-se como ocorre o processo de nomeação e a importância do léxico, pois eles são resultados desse processo estrutural, no qual se materializa a comunicação entre os falantes.

Nessa perspectiva, utilizou-se, também, as contribuições de Michel Pêcheux (2011), que faz um estudo sobre a linguagem e mostra que as teorias linguísticas têm deixado de lado os efeitos de sentido do processo de significação. Em seus estudos, o autor mostra que as posições ideológicas interferem na produção de sentidos. Desse modo, o léxico funciona a partir do batimento entre língua e história, o seu funcionamento está entrelaçado às condições de produção de uma dada época. Do

ponto de vista discursivo, o acontecimento histórico da pandemia passa a ser discursivizado nas vias midiáticas a partir das práticas discursivas dos sujeitos contemporâneos que, por sua vez, são atravessados por formações ideológicas e discursivas. Tais práticas produzidas reconfiguram os espaços do dizer. Assim, o acontecimento discursivo da pandemia desloca os espaços de memória e demonstra que, em determinadas conjunturas, os enunciados podem desconstruir ou reconfigurar possibilitando outras interpretações (Pêcheux, 2015).

Assim, a construção de sentido encontra-se no que é logicamente estabilizado: o léxico em sua estrutura dicionarizada e o discurso empregado por meio dos sujeitos falantes da língua, gerando novas instâncias discursivas do dizer. Os resultados da análise mostraram os deslizamentos de sentido do enunciado 'proteção' (primeira charge) para os sentidos de impedir a destruição da democracia e livrá-la das políticas neoliberais atualizados pela Memória Discursiva da ditadura militar. Assim, a 'proteção' não está no sentido de resguardar, mas de criar ações que promovam o fortalecimento do regime democrático, que vem sofrendo investidas severas do militarismo vigente no Brasil. A análise acerca do enunciado 'máscara' (na segunda charge) desliza para o efeito de sentido de criminalidade, um instrumento utilizado para ocultar traços de criminosos e dificultar seu reconhecimento. No enunciado, funciona o discurso moralista atravessado pelo discurso de ódio à esquerda, mobilizando os já ditos do caso Triplex do Guarujá.

As significações sobre bandido estão direcionadas à esquerda golpista, atualizando a memória discursiva do *impeachment* sofrido pela Dilma, que foi desmembrado a partir do processo Operação da Lava Jato. E, por último, o enunciado 'isolamento social', enquanto medida de prevenção da Covid-19, desliza para o efeito de sentido de congelamento de verbas para os setores importantes do país, ocorrendo a retirada de direitos devido a uma política neoliberal. Esse sentido está inscrito na Formação Discursiva da política neoliberal vigente no país, o modo como a política atual tem se utilizado da pandemia para retirar verbas de alguns lugares e aplicar em orçamentos secretos, o qual precariza a vida das pessoas, principalmente, a classe trabalhadora, responsável por girar a economia do país. Essas contribuições só são

possíveis de se analisar se forem consideradas as condições de produção em que estão inseridas na materialidade e das escolhas lexicais. A partir das discussões que foram propostas, verifica-se que o léxico tem sua evolução a partir da relação entre língua e história e é apreendido no e pelo discurso.

As manifestações discursivas que atuam sobre as estruturas lexicais estão ancoradas ao contexto sócio-histórico de produção, de modo que deve levar em consideração não, apenas, a estrutura gramatical do léxico, mas os efeitos de sentido que as atravessam. Mediante isso, observa-se que o campo teórico da AD oferece importantes contribuições para o estudo do léxico, compreendendo que, no processo de significação, é necessário considerar a produção de sentidos e valores que estão arraigados nas escolhas lexicais dos usuários da língua.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *O território as palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola editorial, 1937.
- ANTUNES, Irandé. *Território das palavras*. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARAÚJO, Maria do Socorro Sousa de; CARVALHO, Alba Maria Pinho de. Autoritarismo no Brasil do presente: bolsonarismo nos circuitos do ultraliberalismo, militarismo e reacionarismo. *Katálysis*, v. 24, n. 1, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/KWXN3b3JFnjYvw6PTtpjcw/>. Acesso em 14 jul. 2023.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negrin. *As Ciências do Léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.
- CALABAU. Charge do dia. *Imirante.com*. 2021. Disponível em: <<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2021/04/03/charge-do-dia>>. Acesso em 25 de jul. 2022.
- CHAGAS, Paulo Victor. Entenda o caso triplex em que lula foi condenado. *Agência Brasil*, 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-01/entenda-o-caso-triplex-em-que-lula-foi-condenado>. Acesso em 02 jun. 2022.
- COSERIU, Eugenio. Sistema, norma e fala. In: COSERIU, Eugenio. *Introdução aos estudos linguísticos*. Coimbra: Almedina, 1989, p. 3-30.
- COURTINE, Jean, Jacques. *Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Ed UFSCar, 2009.

- DA REDAÇÃO. Atos contra o governo Dilma e a corrupção reúnem multidões no Brasil. *G1*, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2016/03/atos-contra-o-governo-dilma-e-corrupcao-reunem-multidoes-no-brasil.html>. Acesso em 17 out. 2021.
- SOUZA, Ligia da Paz de. A pandemia da COVID-19 e os reflexos na relação meio ambiente e sociedade. *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, v. 8, n. 4, 2020. Disponível em: <https://revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/540>). Acesso em 30 mai. 2022.
- DIEHL, Diego Augusto. Pandemia e desigualdades sociais. *Insurgência*, v. 7, n. 1, Brasília, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/36286>. Acesso em 14 jul. 2023.
- FERNANDES, Elizangela Araújo Santos; SOARES, Thiago Barbosa. Discurso da luta contra a violência: o porte de armas e os seus efeitos de sentido. *Entremeios*, v. 23, 2020. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/961.pdf>. Acesso em 19 fev. 2023.
- FERRAZ, Amélia Ricon. As grandes Pandemias da História. *Ciência Elementar*, v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <https://rce.casadasciencias.org/rceapp/art/2020/025/>. Acesso em 15 mai. 2022.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Beata Neves. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2015.
- GRUPO EDITORES BLOG. Charge sobre a pandemia da covid-19. *Blog do AFTM*, 2020. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-pandemia/>. Acesso em 13 mai. 2022.
- JBOSCO. Charge sobre a pandemia da covid-19. *Blogspot*, 2020. Disponível em: <http://jboscocartuns.blogspot.com/2020/03/isolamento-social.html>. Acesso em 25 jul. 2022.
- LEXICON Editora Digital. Verbetes atualizados do lexema proteção. *Aulete Digital*, 2022b. Disponível em: <https://aulete.com.br/proteger>. Acesso em 25 jul. 2022.
- LEXICON Editora Digital. Verbetes atualizados do lexema máscara. *Aulete Digital*, 2022a. Disponível em: <https://aulete.com.br/m%C3%A1scara>. Acesso em 25 jul. 2022.
- LIMA, Claudio Márcio Amaral de Oliveira. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). *Rádial Bras.* v. 53, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rb/a/MsJJz6qXfjpkXg6qVj4Hfj/?lang=pt>. Acesso em 30 mai. 2022.
- MALDIDIÉ, Denise. A inquietude do discurso. Um trajeto na história da Análise do Discurso: o trabalho de Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 38-62.
- MIRAGEM, Bruno. Nota relativa à pandemia de coronavírus e suas repercussões sobre os contratos e a responsabilidade civil. *Revista dos Tribunais*, v. 1015, Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em:

- <https://www.thomsonreuters.com.br/content/dam/openweb/documents/pdf/Brazil/white-paper/covid-miragem.pdf>. Acesso em 22 mai. 2022.
- NEUFELD, Paulo Murillo. *Memória médica: a Gripe Espanhola de 1918*. RBAC, 2020. Disponível em: <http://www.rbac.org.br/artigos/memoria-medica-gripe-espanhola-de-1918/>. Acesso em: 01 set. 2022.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento linguístico: para uma História das Ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise.; HAK, Tony (orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethânia Mariani. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a, p. 59-158.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editora, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 2014b.
- PÊCHEUX, Michel. Língua, linguagens e discurso. In: PIOVEZANI, Carlos Felix; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. *Legados de Michel Pêcheux: inéditos em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2011, p. 64-75.
- REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.
- RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, fordismo e toyotismo. *Lutas Sociais*, v. 19, n. 35, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/ls/article/download/26678/pdf/74831>. Acesso em 08. Set. 2022.
- SAPIR, Eugenio. Língua e ambiente. In: SAPIR, Eugenio. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Ed. Acadêmica, 1969, p. 43-62.
- TRIGUEIRO, Hyoucoama Rodrigues. *O gênero charge no processo de formação do leitor crítico [manuscrito]*. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em letras português) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2019. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/21828/1/PDF%20-%20Hyoucoama%20Rodrigues%20Trigueiro.pdf>. Acesso em 14 jul 2023.
- VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: livraria Almedina, 1994.